

## **NEM SÓ MÃE, ESPOSA E PROFESSORA: OS MÚLTIPLOS CAMPOS DE ATUAÇÃO DA MULHER MILITANTE INTEGRALISTA**

Renata Duarte Simões\*

A década de 1930 representa um marco na trajetória da política social brasileira, uma vez que a “questão social” passa a receber um tratamento bastante diferenciado em relação ao período da República Velha. Uma variedade de orientações ideológicas, presentes especialmente a partir do decênio de 1920, (nacionalismo, tenentismo e outras) denota a presença de marcante inquietação e heterogeneidade sociocultural no período.

Nas cidades do Rio de Janeiro e São Paulo, as mutações do espaço urbano e a expansão econômica trouxeram novas oportunidades para as mulheres na esfera pública, possibilitando, assim, uma maior visibilidade feminina em espaços antes de exclusividade masculina.

Nesse contexto de transformações, as mulheres passaram a se fazer mais presentes não só nas manifestações político-partidárias, como também no mercado de trabalho, gerando na sociedade brasileira algumas tensões e conflitos diante das inovações culturais do período. Passaram a ser reivindicadas por vários setores que até então as excluía, bem como a reivindicar o direito de acesso ao espaço público, mesmo que enfrentando críticas e reações frente às tradições e ao conservadorismo predominante.

Considerando o quadro que se configurou nos anos que sucedem a Primeira Guerra Mundial, bem como as constantes lutas femininas por melhores condições de trabalho e mais igualdade de direitos na sociedade em vias de reformulação, o estudo que por ora apresento, busca investigar a representação do feminino elaborada e difundida pela Ação Integralista Brasileira (AIB), movimento social de grande repercussão política que emerge na década de 1930, arquitetado por Plínio Salgado, eleito Chefe Nacional em caráter perpétuo e supremo.

---

\* Pós-doutoranda em História e Historiografia da Educação pela Universidade de São Paulo/USP. Este estudo recebeu apoio da Fundação de Amparo a Pesquisa de São Paulo/FAPESP para o seu desenvolvimento. Agradecimentos a Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Diana Vidal pela orientação cuidadosa desta pesquisa.

Contudo, o estudo não se limita a analisar as representações do feminino constituídas por Plínio Salgado e pela elite intelectual do movimento, mas busca também averiguar como as mulheres integralistas se representavam e pensavam as funções e os papéis a elas destinados, ou seja, busca investigar a produção de identidades – múltiplas e plurais – de mulheres integralistas no interior de relações e práticas sociais (portanto no interior de relações de poder).

Vale ressaltar, em se tratando de representações femininas no integralismo, que as mulheres não são desprovidas de poder e que produzem identidades em meio às lutas de representações que ocorrem no cotidiano do movimento e que de modo algum podem ser desvinculadas do cotidiano da sociedade da época. Esse modo de análise é-me útil porque possibilita que direcione novos olhares para as formas de pensar e agir das mulheres integralistas, das militantes que assumiram diferentes papéis e produziram múltiplas identidades, apropriando-se peculiarmente dos discursos, subvertendo práticas e desempenhando funções que extrapolam o espaço do lar, os muros da escola, que vão além dos papéis de mãe, esposa e professora.

Para concretização da pesquisa, utilizo como fonte documental artigos do jornal *A Offensiva*, órgão oficial da Ação Integralista Brasileira; a coleção *Enciclopédia do Integralismo*; documentos que refletem os caminhos trilhados pelo integralismo e publicações concernentes ao papel desempenhado pelas mulheres nesse movimento. Fundamento-me, ainda, no aporte teórico da História Cultural e dos Estudos de Gênero (CAVALARI, 1999; POSSAS, 2004; VIDAL, 2001; GOELLNER, 2003), buscando dialogar com as várias fontes de informações.

Os escritos de Salgado são considerados porque sintetizavam ideias sobre o feminino produzidas no contexto em que pensamentos diversos reagiam ao tema “modernização do Brasil” e porque expressam e apresentam a tríade que guiava a educação integralista feminina, ou seja, a educação intelectual, física e moral da mulher. Por outro lado, recorro a *A Offensiva* para dar voz às mulheres militantes, compreendendo que, apesar da censura e controle a que eram submetidos os impressos integralistas, é possível notar intencionalidades nos textos que elas produziram e também nos textos que os intelectuais e dirigentes do movimento produziram sobre elas.

## **A presença feminina na AIB**

A AIB foi oficialmente criada, sob forte sentimento nacionalista, no dia 7 de outubro de 1932, através de um manifesto lido em reunião solene no teatro municipal de São Paulo. O integralismo nasce em meio a uma fase de transição na evolução histórica brasileira, em que ocorre a mutação da sociedade engendrada pela transformação socioeconômica, pela contestação do sistema político e pela mutação ideológica, sendo esta última marcada pelo despertar nacionalista, pela renovação estética e espiritual.

Em meio a essa fase de mudanças contínuas, as mulheres das classes urbanas média e alta aproveitavam as novas oportunidades para ampliar a participação social. À medida que inventavam um novo discurso de direitos individuais e se afirmavam como agentes de seus próprios destinos, questões a respeito da moralidade sexual e das relações entre os gêneros se tornavam temas políticos explícitos resultando em reuniões, conferências, seminários etc.

O discurso da “emancipação das mulheres” no seio da elite urbana e das classes médias ascendentes era motivo de alarma para os homens de convicções quer conservadoras, quer reformistas, os quais concordavam quanto à necessidade de fortalecer o modelo de família burguesa. Os que se proclamavam guardiões da moralidade pública “[...] temiam o colapso do amor, da autoridade, da responsabilidade e da divisão sexual do trabalho” (BESSE, 1999, p. 4).

O integralismo, por sua vez, vislumbrando as mudanças que ocorriam na estrutura familiar e social, investia no discurso de “elevação e sublimação” do papel da mulher como mãe e educadora. Diante das manifestações e mudanças sociais que aconteciam no País, a AIB buscou convocar as brasileiras para reassumir, segundo ideais do movimento, os seus deveres, suas responsabilidades com o lar, os filhos, o marido e, principalmente, com a Pátria.

Salgado (1955, v. VIII) conjeturava na emancipação feminina um grande risco para a instituição familiar e para a mulher, pois, como argumentava, estava ela sem saber para onde ir, sem saber do seu futuro e entregue as “futilidades mundanas”, perdendo, dia a dia, na civilização capitalista burguesa e sem Deus, os fundamentos da sua eficiência mental e da grandeza moral.

No integralismo, a divisão sexual dos papéis socialmente determinados era justificada pela profunda diversidade psicológica existente entre homens e mulheres,

residindo o traço característico do temperamento feminino no seu “alterocentrismo”, na sua “capacidade de dedicação” e “senso maternal”, cabendo-lhe a sensibilidade, o sacrifício e a renúncia; e do temperamento masculino no “egocentrismo”, cabendo ao homem o raciocínio, a análise e a abstração. Essa diversidade se refletia no campo social indicando-lhes atribuições diferentes, funções e papéis sociais que deveriam desempenhar pela felicidade do dever cumprido.

Todavia, como pude constatar nos documentos analisados, e no que a retórica integralista se contradiz, apesar de conferir a homens e mulheres deveres e funções diferentes, o movimento divulgava não hierarquizá-los, pelo contrário, afirmava considerar a mulher simplesmente diferente, nem superior, nem inferior ao homem. Essa diferença era posta como promotora do equilíbrio do mundo, da estabilidade da vida, harmonia social concretizada pela colaboração entre homens e mulheres. A “colaboração dos sexos”, de acordo com os preceitos da AIB, fazia-se necessária para assegurar a “[...] correção das unilateralidades, o equilíbrio vital [...], a plenitude una e variada” que seria alcançada por meio “[...] dessa colaboração harmoniosa, em **diversidade de atribuições** e unidades de fins” (CORBISIER, 1959, v. IX, p. 67, grifo meu).

Subordinados, homem e mulher, aos impositivos de suas respectivas diversidades, o “lícito e necessário” era que a mulher exercesse função social e política na defesa dos fundamentos da família cristã, devendo ser a sua ação social eminentemente **educadora**, tomando contato com as massas populares, escutando os anseios dos “[...] desafortunados e dos injustiçados” (SALGADO, 1955, v. VIII, p. 270, grifo meu).

O integralismo, desde seu nascedouro, atribuiu à mulher a função de educadora e forjadora de caráter, devendo dedicar seus esforços em prol da renovação espiritual do País. No processo de preparação para a revolução de espírito e de “educação integral”, a mulher foi convocada para desempenhar os papéis que lhes eram destinados nos setores educacionais. O movimento considerava que tinha ela grande contribuição a dar na tarefa de educação da consciência nacional, encontrando a verdadeira esfera de função adequada ao sexo e aos seus deveres cristãos no desempenho de funções do lar e da família.

Nesse sentido, segundo ideais integralistas, a atividade do magistério era compreendida como prolongamento das atividades do lar, como “expressão da vida familiar”. Logo, a mulher era convocada a dedicar-se às suas mais “elevadas atribuições naturais”, dedicando-se ao marido e aos filhos e, quando possível, também a função de professora (PENNA, 1955, p. 53). A educação era primordial no projeto de construção da família. Manter-se ligada às atividades de ensino representava para a militante exercitar as suas possibilidades intelectuais e fazer-se respeitar como professora, sentindo-se útil e partícipe do projeto de construção de um novo País.

Sendo a mulher “alterocentrista”, na concepção de Dias (1959, v. IX, p. 83), em meio algum poderia melhor expandir o anseio de dar-se, de sacrificar-se do que no familiar. Na família, que adquiriu importância primordial no discurso de construção da Nação, a mulher deveria assumir o papel de mãe, esposa e fortaleza do lar. A mulher deveria respeitar e honrar seu marido cuidando de seus afazeres e educar física e moralmente a prole, mostrando-se boa mãe.

A AIB conferia destacada importância à maternidade e argumentava não se resumir apenas a uma função física, sendo, principalmente, uma função moral, na qual a mulher assumiria a responsabilidade de estimular no filho virtudes com a finalidade de torná-lo um homem de nobres ideais. Dessa função não deveria se abster a “mocinha que estuda, a jovem que trabalha, a professora, a artista, a doutora, todas [poderiam] exercer com sucesso a função maternal” (DIAS, 1959, v. IX, p. 92). Além disso, na busca pela igualdade interior e exterior ao homem, busca essa limitada pelos impositivos relacionados ao sexo, a mulher jamais deveria perder a sua feminilidade, que se daria fisicamente pela maternidade.

Para além das atividades exercidas no lar e na família, a mulher integralista deveria também atuar ativamente nos quadros do movimento. Corbisier (1959, v. IX, p. 69) destacou que cabia a AIB utilizar ordenadamente a cooperação de “moças e senhoras” inscritas em suas fileiras, dirigindo-as, de preferência, para os setores educacionais e assistencialistas, pois assim os quadros do movimento estariam contribuindo “[...] como centros poderosos de cultura humana e feminina, como verdadeiras forjas de caracteres morais para o futuro cristão do Brasil-Integral”.

## **A atuação da mulher na AIB**

Com Núcleos organizados em todo território nacional e contando, segundo o jornal *Monitor Integralista* n. 22, de 7 outubro 1937, com mais de um milhão de adeptos, a AIB buscou transmitir a imagem de um movimento preocupado com a população, com os problemas sociais do Brasil. O integralista, além dos deveres para com a Pátria e o Sigma, que iriam até o sacrifício da própria vida, teria o dever de prestar assistência e socorro a todos os brasileiros.

Para levar a cabo seus intentos de conquistar novos adeptos, inclusive através da caridade e beneficência, o integralismo não poupou esforços e atuava com vigor nos centros beneficentes, ambulatórios e lactários por intermédio das militantes. Compreendendo a nova posição social que a mulher assumia e sua presença mais marcante no espaço público, a AIB aproveitou para direcionar a “energia feminina” para as atividades de assistência social, educação e saúde, além do trabalho de arregimentação e doutrinação de jovens e crianças (HENRIQUES, 1959, v. IX, p. 168). As integralistas atuavam no campo da propaganda e divulgação da doutrina como também no trabalho de assistencialismo junto às famílias pobres.

A presença oficial feminina na AIB, na qualidade de membros efetivos, que eram chamados de “blusas-verdes”, foi definida institucionalmente a partir do regimento da Secretaria Nacional de Arregimentação Feminina e dos Plinianos (SNAFP), aprovado em 10 de agosto de 1936, obedecendo aos princípios hierárquicos da agremiação. Nota-se que a Secretaria era chefiada por mulheres e que a posse dos cargos era comemorada em reuniões solenes e divulgada nos jornais integralistas que enfatizavam a “[...] nobreza de caráter da mulher integralista, sendo ela a mais indicada para organizar e chefiar o trabalho das companheiras blusas-verdes” (HENRIQUES, 1959, v. IX, p. 168).

A SNAFP compreendia dois Departamentos: Feminino e dos Plinianos. O Departamento Nacional Feminino era composto por cinco Divisões: Expediente, Cultura Physica, Educação, Estudos e Ação Social. As atividades assistencialistas desenvolvidas pelas mulheres na AIB eram coordenadas pela Divisão de Ação Social, que tinha por finalidade “[...] prestar assistência e proteção assídua às integralistas e

simpatizantes, assim como a todas as classes sociais, agindo especialmente nos meios proletários, dentro do campo de suas atribuições”<sup>1</sup>.

Era de competência da Divisão de Ação Social, por meio dos setores Lactários, Bandeirantes e Dispensários, “aplicar no terreno social as atividades das integralistas, contribuindo assim de maneira eficiente e constante para o melhoramento material e moral das condições de vida da família brasileira” (HENRIQUES, 1959, v. IX, p. 173).

As integralistas também operavam no setor da educação sanitária e da medicina preventiva, contribuindo para o aprofundamento do debate entre os médicos e sanitaristas do período. Através da SNAFP, elas organizavam núcleos de atividades públicas ligadas à prevenção contra doenças sexualmente transmissíveis, entre outras, e buscavam evitar a disseminação das duas doenças que mais matavam no período: a tuberculose e o câncer.

Dentre as áreas nas quais atividades sociais eram realizadas pelo movimento, a maternidade recebia uma atenção muito especial, visto que representava o lugar da evolução e da preservação da família. Nesse sentido, as integralistas desempenharam um significativo papel social na educação, orientando as mulheres pobres sobre a higiene, a saúde do corpo e os cuidados que deveriam ter com os filhos. Elas alertavam a respeito da importância do diagnóstico precoce e dos cuidados com a alimentação para a saúde da mulher e da criança. Também falavam sobre a necessidade da amamentação e os cuidados com a gestação. Com intuito de resguardar a saúde da mulher e da prole, o espaço da rua era sempre caracterizado como inóspito e perigoso para as futuras mães e para as jovens senhoras, por ser um local em que circulavam muitas doenças que ameaçavam não apenas os adultos, mas também as crianças, e atrapalhavam os ideais integralistas de constituir uma nação forte e sadia.

Os editores de *A Offensiva* publicaram vários textos que sugerem vigilância para com a saúde e a higiene pessoal, a preservação da família e do lar, a preocupação com a moral da prole, a formação de um sentimento de amor pela Pátria e de devoção à doutrina integralista.

No fluxo dos discursos que destacam a importância dos cuidados da mulher, da preservação do corpo e saúde feminina, *A Offensiva* de 22 de junho de 1935, p. 4, na seção **Conselhos de Higiene**, traz o artigo de Marietta Kendall no qual a autora discute

---

<sup>1</sup> *Monitor Integralista*, ano II, n. 8, p. 9, 1934.

a questão da “cultura physica” para a mulher, argumentando que é uma das principais promotoras e mantenedoras da beleza e higiene. Segundo o exposto, sem a “cultura physica” é quase impossível obter-se uma estética perfeita, sendo ela “indispensável” também no ponto de vista da saúde.

O esporte, por seu caráter moralizador e disciplinador, também ganhou espaço nos escritos e recomendações sobre a relevância dos exercícios físicos na construção do corpo e da personalidade “femininos”. Desejava-se o corpo e a personalidade da mulher saudáveis objetivando-se a procriação da prole saudável. Nesse sentido, aproveitando o ensejo do momento, ainda que a prática esportiva feminina não fosse novidade na década de 1930, as mulheres não se eximiram de ampliar e diversificar sua participação em jogos, competições, ainda que em número bem menos expressivo que os homens (GOELLNER, 2003).

Em consonância com o período, as mulheres integralistas também despendiam parte do seu tempo com as práticas esportivas. No jornal do dia 13 de dezembro de 1934, p. 6, é noticiado que são inúmeras as inscrições de mulheres integralistas no setor esportivo, muito se esperando da atividade feminina nesse setor. Nessa onda de entusiasmo, estavam as blusas-verdes organizando jogos, como o de tênis realizado na residência de Irene Freitas Henriques, para atrair não só as integralistas para esse setor, mas a mulher brasileira de modo geral.

Para além das atividades físicas, na AIB, as militantes desenvolviam atividades cívicas que recebiam constantes elogios, especialmente em relação às práticas promovidas no campo político e social pelas “bandeirantes”, mulheres que percorriam o interior dos Estados para orientar outras. Essas atividades eram frequentemente noticiadas pelos canais de propaganda do movimento. A idéia da cidadã politicamente atuante era bastante disseminada pela organização.

A Seção Feminina de Bandeirantes, integrada ao Departamento Feminino, destacou-se nos trabalhos assistencialistas aos pobres recolhendo e distribuindo roupas, alimentos, brinquedos e convocando, por meio dos impressos, o auxílio de brasileiros para realização dessas atividades. Bazares e almoços beneficentes eram constantemente promovidos em prol dessas causas.<sup>2</sup> O Departamento Feminino promovia também a exposições de trabalhos artesanais com a finalidade de angariar fundos para auxiliar os

---

<sup>2</sup> A *Offensiva*, 13 dez. 1934, p. 7.



mais carentes e “provar o carinho pelas crianças, vestindo a rica para ajudar a pobrezinha”. Com esse ato, esperava o Departamento Feminino “provar as companheiras menos favorecidas a solidariedade da mulher integralista”.<sup>3</sup>

Também para o campo da enfermagem a AIB direcionou as mulheres integrantes de suas fileiras. A escola de enfermagem integralista recebeu inúmeras inscrições e o Curso Prático de Enfermagem tornou enfermeiras um grupo bastante significativo de militantes. O integralismo compreendia que, no exercício da enfermagem, os atributos considerados intrínsecos à natureza feminina eram valorizados, tornando-se indispensáveis à prestação de um cuidado que era, ao mesmo tempo, técnico e abnegado. Assim, a profissão de enfermeira foi entendida como uma extensão do papel da mulher no recesso do lar.

O integralismo conferia à mulher enfermeira o papel de combater as endemias existentes, a fim de fazer do povo brasileiro um povo forte, capaz de tornar o País “a potência das potências”. Desse modo, a AIB investiu em propagandas e cursos integralistas de enfermagem, formando diversas turmas que atuavam em seus laboratórios, lactários e ambulatórios, além de “[...] servirem nos trabalhos geraes ou especializados das clínicas privadas, dos hospitaes e, se necessário, nos serviços sanitários nacionaes”.<sup>4</sup>

No dia 5 de outubro de 1935, *A Offensiva*, p. 4, divulgou a inauguração da primeira Escola de Enfermeiras da AIB, sendo tal feito comemorado com uma reunião solene realizada no dia 3 do mesmo mês. A reunião, ocorrida no salão da Rua Sachet, na Província da Guanabara, de acordo com o impresso, estava repleta de jovens e mulheres integralistas. Na cerimônia, foram enaltecidos os esforços empregados pela mulher para a inauguração da escola, assim como seu espírito de perseverança e realização que “[...] estão acima de quaisquer comentários”.

Cavalari (1999) preocupou-se em dar ênfase a essas atividades assistencialistas e ao papel de educadora desempenhado pelas mulheres na AIB e buscou apresentar a visão do integralismo em relação à divisão de funções de acordo com o sexo. A autora analisou como se processou a criação de uma identidade para o movimento,

---

<sup>3</sup> Marietta Kendall, Exposição de trabalhos do Departamenhto Feminino, *A Offensiva*, ano II, p. 4, 30 nov. 1935.

<sup>4</sup> Inauguração da Escola de Enfermagem. *A Offensiva*, Rio de Janeiro, ano II, n. 73, p. 4, 5 out. 1935.

onde se destacava a participação das mulheres que, dentro das escolas, ambulatórios e creches integralistas, pretendiam através de ações filantrópicas e educacionais atender às necessidades da população e agregar novos adeptos para o partido.

O aproveitamento das energias femininas pela AIB não só ocorreu para “educação da consciência nacional”, mas, sobretudo, para a formação de uma massa eleitoral, principalmente a partir da transformação do integralismo em partido político. Tal aproveitamento engrossou a massa eleitoral por duas vias: pela “preparação e qualificação eleitoral” de adultos, por meio da alfabetização, e pela convocação das blusas-verdes ao exercício do voto (POSSAS, 2004, p. 276).

Em 24 de fevereiro de 1932, apesar da reivindicação pelo voto feminino não ser de todo consenso na sociedade da época, o direito ao voto foi concedido às brasileiras maiores de 21 anos e alfabetizadas. Logo, a AIB buscou, por meio de campanhas empreendidas com a colaboração da mulher, conquistar esse novo eleitorado.

Em 1937, através de uma de suas diretrizes enviadas a todas as Secretarias Provinciais, a SNAFP, após considerar “[...] de suma importância a cooperação feminina nos serviços de preparação e qualificação eleitoral [convocou] a mulher brasileira e, principalmente a mulher integralista, que sabe querer e trabalhar até ao sacrifício para as grandes causas [...]”, a conseguir, por meio do Departamento Feminino, “[...] a glória de alistar dois terços, pelo menos, dos eleitores da AIB”.<sup>5</sup> O documento deixava claro que, por meio da “alfabetização rápida”, buscava-se ensinar os brasileiros a ler e a escrever, não somente para “elevar o seu nível cultural” ou promover a sua “realização plena” enquanto “homem integral” conforme era preconizado, mas também para que ele pudesse obter seu título de eleitor. A integralista foi convocada a atuar efetivamente não só no alistamento e alfabetização de outras militantes, como no alistamento e alfabetização dos homens integralistas, dos familiares, amigos e simpatizantes ao movimento.

---

<sup>5</sup> A Secretaria Nacional de Arregimentação Feminina e dos Plinianos e a campanha eleitoral. *Acção*, 17 maio 1937.

Possas (2004) argumenta que a efetiva participação feminina no movimento se deu em função das consideráveis estratégias de arregimentação:

Os discursos plinianos souberam captar os anseios e a esperança que a vida moderna introduzia e dimensionava com o rádio, o cinema [...] A AIB abriu novas oportunidades para muitas mulheres, principalmente as solteiras e de segmentos médios, nos quais o casamento não era uma possibilidade imediata (POSSAS, 2004, p. 275).

Apesar da ampliação dos papéis atribuídos pela sociedade à mulher, a AIB compreendia que a emancipação feminina precisava ser tomada com cautela, uma vez que deveriam ser estabelecidos certos limites para as aspirações femininas. Vários empecilhos foram impostos ao acesso a determinadas profissões, pois, ainda assim, esperava-se que as mulheres, antes de se dedicarem ao trabalho remunerado, fossem boas donas de casa, boas mães e esposas. Além disso, as ofertas disponíveis, em geral, estavam próximas daquilo que se considerava uma extensão das atribuições das mulheres e somente profissões como professora, datilógrafa, telefonista, secretária e enfermeira eram bem vistas em função dos interesses integralistas.



“Blusa-verde” discursando para os homens. *A Offensiva*, 13 jul. 1937, p. 3.

O impresso integralista constituía um importante mecanismo de divulgação das atividades realizadas pelas mulheres na AIB. A imagem da militante – mãe, esposa, professora e atuante nas causas sociais – veiculada nas páginas de *A Offensiva*, muito se aproximava das prescritas pelos intelectuais. Ela aparecia, como bem apontam estudos na área, em trabalhos assistencialistas, em bazares, campanhas de Natal, lactários, com filhos e marido, nas escolas integralistas junto a seus alunos, com suas companheiras ou casando com algum militante.

Entretanto, não posso negligenciar o fato de ter encontrado, depois de lançar um olhar minucioso sobre os documentos e jornais da AIB, mulheres que, de forma sutil, ou mais escancarada, subvertiam a ordem e faziam diferente do que lhes era orientado, ainda que representassem uma parcela reduzida de modos diferentes de atuar no movimento e na sociedade, entre elas cantoras, atletas, pintoras, escritoras, atrizes,

redatoras, etc. A foto de *A Offensiva* de 13 de julho de 1937, p. 3, constitui um exemplo de conquista da mulher, e nesse caso, em especial, demonstra a dupla conquista de uma mulher negra que discursa para homens em um encontro integralista.

### **O trabalho fora do lar**

Nos anos 1930, quando o trabalho fora do lar era um assunto delicado, capaz de suscitar grandes controvérsias, porque tocava o cerne da questão do lugar social da mulher, a simples condição de trabalhadora já colocava a mulher numa posição de inferioridade moral ao homem, à medida que ela se apropriava de um espaço que não lhe era próprio: a rua (VIDAL, 2001).

Constituída como frágil, a mulher precisava ser protegida e controlada. Grande parcela dos dirigentes sociais argumentava que qualquer atividade fora do espaço doméstico poderia representar um risco para a mulher e para a família. Ainda que indispensável, o trabalho poderia ameaçá-las como mulheres, por isso deveria ser exercido de modo a não as afastar dos deveres domésticos, da alegria da maternidade, da pureza do lar. O abandono familiar era um argumento muito utilizado na luta estabelecida por intelectuais e dirigentes contra a emancipação feminina.

Foi também dentro desse contexto que se construiu para a mulher uma concepção do trabalho fora de casa como ocupação transitória, a qual deveria ser abandonada sempre que se impusesse a missão feminina de esposa e mãe. De acordo com a concepção integralista, admitia-se que a mulher solteira o exercesse fazendo dele um meio de auto-educação, um meio de preparação para o exercício do papel de esposa e mãe, pelo enriquecimento do saber e domínio de técnicas. Compreendia-se a necessidade de que “nos momentos de desventuras da vida, a mulher [fosse] capaz de ganhar com virtude o pão de cada dia” e, para as eventualidades, deveria estar preparada, porém sem jamais perder de vista a mulher biológica que foi feita para o lar (SALGADO, 1955, v. XX, p. 291).

A luta das mulheres por direitos iguais aos dos homens e por sua emancipação, na perspectiva integralista, não fazia sentido, pois eram situações vistas como negativas e desvantajosas para o sexo feminino. O mundo do trabalho pertencia aos homens e o trabalho feminino era condenado, na medida em que afastava do lar e das atividades maternas a mulher. Dias (1959, p. 87) responsabilizava o trabalho feminino pelas

“ vaidades crescentes” e a “busca desvairada de bens materiais”, desestruturando a família e a Pátria. Logo, proferia que “tudo que o integralismo pregava” era constituidor da “[...] segurança total e definitiva da mulher, mãe, esposa, filha, irmã, que feliz seria quando os ideais desta doutrina se realizassem”.

Contudo, a autora ressaltava a impossibilidade de retroceder “as conquistas interessantes” feitas pela mulher, na sociedade e na vida cultural, e desse modo, propôs que ela buscasse, em primeira instância, cumprir com o papel de senhora do lar e, posteriormente, sobrando-lhe tempo, que se dedicasse ao que mais desejasse e conviesse (DIAS, 1959, p. 87).

Apesar de nos discursos, palestras, reuniões, comícios integralistas, especialmente naqueles dirigidos à classe operária, as mulheres líderes integralistas expressarem grande pesar pelas inevitáveis perdas que a atividade profissional feminina produziria na estrutura familiar, muitas inscritas se viam obrigadas, por motivos financeiros, ou decidiam, por vontade de participar de modo mais direto da vida pública, dedicar parte do tempo a atividades fora do lar.

As militantes desejosas de mais liberdade, percebendo as concessões que a AIB lhes abria e apropriando-se, de modo singular, do que lhes era imposto, aproveitavam para ampliar e firmar seus espaços na sociedade, utilizando as páginas do jornal como instrumento. Em *A Offensiva* de 24 de agosto de 1935, p. 10, ao ser questionada sobre o papel da mulher no integralismo, Cecy Tolentino de Souza argumentou que a mulher não era colocada em plano secundário, que a AIB reconhecia o valor da mulher como “[...] cooperadora no trabalho de reerguimento nacional em qualquer terreno de actividade”. Como eleitora, destacou: “[...] marchamos ao lado dos [homens] para as urnas, dando o nosso voto com a mesma liberdade de pensamento”. “[...] Nas reuniões públicas, como nas privadas, a palavra é dada à mulher e ao homem indiferentemente, sempre acatada e considerada”, lembrando que ao integralista, de ambos os sexos, não era dado o direito de se manifestar durante os encontros integralistas sem que fosse convidado a falar.<sup>6</sup>

Nos jornais, as militantes buscavam mostrar que se sentiam em igualdade de direitos e deveres com os homens. Outra militante, Souza, afirmou, no mesmo

---

<sup>6</sup> SOUZA, Cecy Tolentino de. A mulher integralista. *A Offensiva*, Rio de Janeiro, ano II, n. 67, p. 10, 24 ago. 1935.

exemplar, que não se sentia cingida às funções do lar, de dona de casa, que à mulher integralista era permitido estudar e trabalhar: “a mulher verdadeiramente mulher sabe sahir à rua e defender com valor varonil o seu Eu e a sua actividade [...]”. O que Souza buscava demonstrar era uma igualdade plena de direitos: “[...] A mulher integralista é a mulher moderna que não teme a luta, que trabalha e não mede sacrifícios, que marcha lado a lado com o companheiro prompta para tudo [...]; com direitos iguaes e, portanto, com iguaes possibilidades”.<sup>7</sup>

Mostra clara das concessões abertas pela AIB aos diferentes papéis ocupados pela mulher pode ser observada em *A Offensiva* n. 458, jornal em que foi comunicado que a revista *Brasil Feminino*, fundada e dirigida havia 5 anos pela escritora Patrícia Iveta Ribeiro e que havia deixado de circular, voltaria a ser publicada no dia 15 de maio, em seu n. 35, aderindo ao integralismo e reaparecendo como “órgão independente” da Secretaria Nacional de Arregimentação Feminina e dos Plinianos e de “[...] todas as demais Secretarias Provinciais, Municipaes e Districtaes”.<sup>8</sup>

Plínio Salgado percebeu a possibilidade de, por meio dessa revista dirigida por uma mulher e elaborada por tantas outras, estreitar os laços com a mulher integralista e de aproximar as que ainda não haviam aderido ao movimento. Inaugurando a nova versão, que manteria a feição antiga acrescida de uma parte integralista, onde seriam publicadas reportagens, fotografias e notícias sobre a colaboração das mulheres “blusas-verdes” nos núcleos, Plínio Salgado assinaria a “[...] página de honra do número especial de reaparecimento”.<sup>9</sup> No jornal n. 483, de 9 de maio de 1937, p. 15, os avisos sobre o reaparecimento da revista foram novamente publicados, “demonstrando”, nesse número, o interesse pela infância e juventude, como na promoção de concursos para meninos e meninas. Na nota, fica exposto que a revista era a “única” do Brasil “exclusivamente dirigida, collaborada, e ilustrada” por “senhoras intellectuaes e artistas”.<sup>10</sup>

Também em *A Offensiva*, uma considerável parcela dos textos, seções, colunas e das propagandas publicadas era voltada para as mulheres. São diversos anúncios sobre

---

<sup>7</sup> Ibidem.

<sup>8</sup> *A Offensiva*, Rio de Janeiro, ano IV, n. 458, p. 5, 9 abr. 1937.

<sup>9</sup> Ibidem.

<sup>10</sup> *A Offensiva*, Rio de Janeiro, ano IV, n. 483, p. 15, 9 maio 1937.

produtos de beleza, acessórios femininos, roupas, revistas, lojas de tecidos, artigos para casa, joias etc. Na mulher os anunciantes do jornal apostavam em grande escala para a comercialização de seus produtos, para inscrição nos cursos que ofertavam, o que me faz presumir que também a vislumbravam como leitora assídua do jornal integralista.

O “Curso de Oratória Benta Ferreira”, promovido pela AIB com a finalidade de preparar mulheres “blusas-verdes” para o “momento agitado e combativo” em que elas pudessem se “dedicar intensamente ao estudo da doutrina para a propaganda e defesa do integralismo”, foi amplamente divulgado em *A Offensiva* n. 483, de 9 de maio de 1937, p. 2. A frase utilizada como “divisa” do curso – “Aqui, até as mulheres lutam pelo direito”, é de Benta Pereira e, segundo a AIB, deveria guiar as integralistas na “batalha da grande causa”. Nesse sentido, cada núcleo do Rio de Janeiro deveria enviar uma candidata para participar do curso, sabendo ela, após o findar do período de realização, “viver perigosamente e lutar heroicamente”.<sup>11</sup>

Na edição n. 486, de 13 de maio de 1937, p. 4, a mulher integralista é novamente convocada para a participação no curso de oratória, e, dessa vez, o Dr. Almeida Salles se pronuncia sobre o “valor” da “blusa-verde” na propaganda integralista. Para ele, o integralismo encontrou, na “blusa-verde”, “um elemento admirável de afirmação e de propaganda dos seus princípios doutrinários”. A mulher integralista “[...] não só actua no campo de assistência social, educação, como também participa da organização da propaganda do movimento, falando das tribunas dos núcleos e erguendo a voz nas grandes reuniões públicas da AIB”.<sup>12</sup> Os escritos de Salles e o exposto em *A Offensiva* sobre a revista *Brasil Feminino* corroboram a ideia de que as mulheres ocupavam funções para além dos papéis de “professora” e “mãe de família”; ocupavam as funções de dirigentes de revista, escritoras, oradoras, etc. Em *A Offensiva*, as páginas voltadas para a parcela feminina eram escritas por mulheres que também escreviam para outras seções direcionadas a leitores de ambos os sexos.

Os livros escritos por mulheres também eram anunciados em *A Offensiva*. No jornal n. 630, de 28 de outubro de 1937, p. 3, é destacado que em breve sairia o primeiro livro feminino do Sigma: *A mulher no Integralismo*, de Iveta Ribeiro, edição de A.

---

<sup>11</sup> PEREZ, Nilza. Curso de oratória Benta Ferreira. *A Offensiva*, Rio de Janeiro, ano IV, n. 483, p. 2, 9 maio 1937.

<sup>12</sup> SALLES, Almeida. *A Offensiva*, Rio de Janeiro, ano IV, n. 486, p. 4, 13 maio 1937.

Coelho Branco. As mulheres que escreviam para *A Offensiva* eram de classe média e alta, filhas de médicos, advogados, militares, etc, mas os textos e propagandas eram voltados para as mulheres das diferentes classes.

Apesar de a maior parte dos documentos doutrinários terem sido escritos por Plínio Salgado, revelando a presença do autoritarismo e da tentativa de estabelecimento de uma ordem, muitas foram as vozes, inclusive de mulheres, que se pronunciaram nos impressos em nome da AIB. Por mais que esses discursos produzidos por mulheres tenham passado pelo crivo de uma rígida rede de censura e controle, essa atividade tornou-se bastante representativa e possibilitou que escritoras falassem não somente a outras mulheres, mas também aos homens integralistas.

Margarida Cavalcante Albuquerque Corbisier foi uma importante representante dessa parcela de mulheres, que redigiu textos voltados aos homens. “Conceito de vida heróica”, publicado em *A Offensiva* do dia 13 de abril de 1935, p. 4, trata dos sacrifícios e da luta que eles, “despertos para a realidade de suas tarefas”, deveriam enfrentar para “fazer a vida ao invés de esperar que a vida os faça”. A renúncia a si mesmo foi amplamente abordada nesse estudo, não importando a tarefa a cumprir e sim sua realização na “Grande Batalha do Bem e do Mal”, obviamente sendo o integralismo o lado do bem. Iveta Ribeiro também redigiu um artigo intitulado “Ouve Marinheiro!”, publicado em *A Offensiva* de 12 de dezembro de 1937, tratando das responsabilidades desses homens para com a sua Pátria, do dever que lhes cabia de defesa do Brasil e de elevação do País ao status de nação forte e heróica.

Esses textos, entre outros publicados por mulheres e voltados aos homens, revelam e confirmam que elas não escreviam somente para o mesmo sexo e, mais, que não ocupavam somente o papel de mãe, esposa e professora como o segmento mais conservador da AIB desejava.

### **Considerações finais**

A mulher integralista, segundo os documentos analisados, aderiu à causa social do movimento, prestando-se as diversas atividades para as quais foi convocada. Embora a AIB reforçasse os papéis descritos socialmente como femininos, a relação das “blusas-verdes” com o movimento foi inovadora, no sentido que possibilitou às mulheres, novas práticas e representações que elas passaram também a desenvolver na esfera pública.



Conferir abertura às mulheres que estavam ganhando espaço no mercado de trabalho, a despeito da ameaça ao núcleo familiar, do temor à dissolução da família, ainda que contrariando os escritos dos integralistas mais conservadores, parecia, pelo que tudo indica, ser uma tentativa de atrair não só as donas de casa, mas também as mulheres que queriam ou precisavam trabalhar e lutavam por seus direitos políticos.

As concessões no tocante aos comportamentos e papéis sociais representavam muito mais uma tentativa de atrair e arregimentar novos adeptos do que um esforço de reformulação idealística e doutrinária. Atrair e arregimentar as mulheres que haviam acabado de conquistar o direito ao voto a fim de inchar seus quadros e agregar novos eleitores levou a AIB a assumir uma nova postura em face da parcela feminina. O aproveitamento das energias femininas pela AIB não ocorreu só para “educação da consciência nacional”, mas também, e sobretudo, para a “formação de uma massa eleitoral integralista”.

## Referências

- BESSE, Susan K. *Modernizando a desigualdade: reestruturação da ideologia de gênero no Brasil*. Trad. Lólio Lourenço de Oliveira. São Paulo: Edusp, 1999.
- CAVALARI, Rosa Maria Feiteiro. *Integralismo: ideologia e organização de um partido de massa no Brasil (1932-1937)*. São Paulo: EDUSC, 1999.
- CORBISIER, Margarida C. A. Integralismo e educação do feminino. In: SALGADO, Plínio (Org.). *Enciclopédia do integralismo*. São Paulo: Clássica Brasileira, 1959. v. IX, p. 63-69.
- DIAS, Carmen P. A mulher e o Integralismo. In: SALGADO, Plínio (Org.). *Enciclopédia do integralismo*. São Paulo: Clássica Brasileira, 1959. v. IX, p. 81-93.
- GOELLNER, Silvana Vilodre. Bela, Feminina e Maternal – imagens da mulher na Revista Educação Physica. *Coleção Educação Física*. Ijuí: Ed. Ijuí, 2003.
- HENRIQUES, Irene de Freitas. Regimento da Secretaria Nacional de Arregimentação Feminina e dos Plinianos. Regulamento. *Enciclopédia do integralismo*. Rio de Janeiro: Livraria Brasileira, 1959. v. IX, p. 168-186.
- PENNA, Belisário. A mulher e a família, o lar e a escola. In: *Enciclopédia do integralismo*. Rio de Janeiro: Clássica Brasileira, 1959. v. IX, p. 41-59.
- POSSAS, Lídia M. V. Vozes Femininas na correspondência de Plínio Salgado (1932-38). In: GOMES, A. C. (Org.). *Escrita de si, escrita da história*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.
- SALGADO, Plínio. A mulher no século XX. In: SALGADO, Plínio. *Obras completas*. São Paulo: Edit. das Américas, 1955. v. VIII. p. 221-311.
- \_\_\_\_\_. Sentimentais. In: SALGADO, Plínio. *Obras completas*. São Paulo: Edit. das Américas, 1955, v. XX. p. 249-373.
- VIDAL, Diana Gonçalves. Mulheres e magistério primário: tensões, ambigüidades e deslocamentos. In: HILSDORF, Maria L. H; VIDAL, D. G. (Orgs.). *Brasil 500 anos: tópicos em História da Educação*. São Paulo: EDUSP, 2001. p. 205-224.